

RALED

VOL. 21(2) 2021



ARTÍCULO

Discursos da extrema-direita no Brasil: uma análise de pronunciamentos de Jair Bolsonaro¹

*Discourses of the extreme right in Brazil:
an analysis of Jair Bolsonaro's pronouncements*

CARLOS PIOVEZANI

Universidade Federal de São Carlos
Brasil

Recebido: 30 de março de 2021 | Aceito: 31 de maio de 2021
DOI: 10.35956/v.21.n2.2021.p.85-100

RESUMO

Neste artigo, pretendemos realizar uma breve exposição de certas semelhanças e diferenças entre o populismo e o fascismo, para, em seguida, apresentar algumas reflexões sobre a linguagem fascista, a partir de Victor Klemperer e de Jean-Pierre Faye, e para, finalmente, analisar alguns pronunciamentos e declarações de Jair Bolsonaro. Nossos principais propósitos consistem em problematizar uma distinção feita pelo historiador Federico Finchelstein entre populismo e fascismo e em sustentar a ideia de que vários discursos desse político brasileiro, produzidos ao longo de mais de três décadas de vida pública, materializam traços de uma linguagem neofascista. Para a execução do trabalho, empregaremos alguns postulados da Análise do discurso, além de nos valeremos de certos princípios da Retórica. Sustentamos aqui a tese de que o uso da linguagem humana para calar adversários, transformados em inimigos, e incitar seus adeptos à violência são duas das principais propriedades da linguagem fascista.

PALAVRAS CHAVE: *Imagem. Pragmática. Política. Descortesia. Sexismo e Retórica.*

RESUMEN

En este artículo pretendemos hacer una breve presentación de ciertas similitudes y diferencias entre el populismo y el fascismo. A continuación, presentamos algunas reflexiones sobre el lenguaje fascista, basado en Victor Klemperer y Jean-Pierre Faye. Finalmente, analizamos algunos pronunciamientos y declaraciones de Jair Bolsonaro. Nuestros principales propósitos son problematizar una distinción hecha por el historiador Federico Finchelstein entre populismo y fascismo, y apoyar la idea de que varios de sus discursos producidos durante más de tres décadas de vida pública materializan huellas de un lenguaje neofascista. Para la ejecución del trabajo, emplearemos algunos postulados de Análisis del Discurso, además de ciertos principios de Retórica. Defendemos aquí la tesis de que el uso del lenguaje humano para silenciar a los opositores, convertidos en enemigos, e incitar a sus adherentes a la violencia son dos de las principales propiedades del lenguaje fascista.

PALABRAS CLAVE: *Linguagem fascista. Brasil. Bolsonaro. Análise do discurso. Retórica.*

1 Os resultados expostos neste artigo resultam indiretamente de pesquisa financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), sob a forma de bolsa de produtividade em pesquisa.

ABSTRACT

In this article, we intend to make a brief presentation of certain similarities and differences between populism and fascism. Next, we present some reflections on fascist language, starting with Victor Klemperer and Jean-Pierre Faye. Finally, we analyze some pronouncements and statements by Jair Bolsonaro. Our main purposes are to problematize a distinction made by the historian Federico Finchelstein between populism and fascism, and to support the idea that several of his speeches produced over more than three decades of public life materialize traces of a neo-fascist language. For the execution of the work, we will employ some postulates of Discourse Analysis, in addition to using certain principles of Rhetoric. We defend here the thesis that the use of human language to silence opponents, become enemies, and incite their adherents to violence are two of the main properties of fascist language.

KEYWORDS: *Fascist language. Brazil. Bolsonaro. Discourse analysis. Rhetoric.*

Introdução

Desde os antigos amantes da linguagem, já provém a ideia de que nossa fala tem grandes poderes e compreende não menores perigos. Ela tanto pode servir de remédio quanto de veneno: “Assim como tal droga faz sair do corpo um tal humor, e que umas fazem cessar a doença, outras a vida, assim também, dentre os discursos, alguns afligem, outros encantam, fazem medo, inflamam os ouvintes, e alguns, por efeito de uma má persuasão, drogam a alma e a enfeitiçam” (Górgias 2005: 299).

Entre seus amantes modernos, essa consciência dos poderes e perigos da linguagem não se perdeu. Nós podemos encontrá-la nas reflexões de Roland Barthes sobre as constitutivas relações entre o poder e a linguagem. Uma célebre passagem desse mesmo texto de Barthes vem, então, logo em seguida: “a língua, como desempenho de toda linguagem, não é nem reacionária, nem progressista; ela é simplesmente: fascista; pois o fascismo não é impedir de dizer, é obrigar a dizer” (2000: 14). O uso da língua aprisiona, porque nela se confundem o poder e a servidão. Se a liberdade é a potência de subtrair-se ao poder e de não submeter ninguém, então somente poderia haver a experiência absoluta da liberdade fora da linguagem. Isso nos seria impossível, pois não há vida humana fora da linguagem. Barthes indica uma única saída: “só resta, por assim dizer, trapaçar com a língua, trapaçar a língua” (2000: 16). É no interior da própria linguagem que o fascismo da língua pode e deve ser combatido.

Ao fascismo da língua e a todo e qualquer fascismo, se devem contrapor as trapaças da língua, as participações democráticas e as liberdades dos desejos. Sem essa resistência forjada com a linguagem e na própria linguagem, o fascismo grassa como desejo que deseja sua própria repressão, seja no Estado totalitário, seja no mercado neoliberal, seja ainda em interconexões de seus traços e de suas facetas em democracias formais. Se, no fascismo cotidiano, os poderes se imiscuem na linguagem para tentar nos impor o que deveríamos pensar, fazer e dizer, com mais forte razão, se estabelecem relações constitutivas entre a língua e as opressões, entre os discursos do ódio e as ações de extermínio quando os fascistas ou neofascistas assumem os lugares de poder no Estado. Um ilustrativo episódio ocorrido ainda no começo dos Estados totalitários o comprova.

Usar sem reserva um último e radical ato de linguagem: o comando à execução. Era isso que passara a circular nos discursos de Hermann Göring desde o início de fevereiro de 1933. Ele era ministro do Interior da Prússia e fora figura fundamental para que Hitler alcançasse o posto de chanceler da Alemanha. A partir do dia 07 daquele mês e ano, Göring: “(...) dirigia-se verbalmente à polícia da Prússia para anunciar que acobertaria qualquer um que fosse levado a ‘puxar sua arma’ no combate ‘contra a ralé e a canalha internacional’ ou, numa linguagem mais clara, contra o que se denominava então os partidos social-democrata e comunista alemães (Faye 2009: 148).

Dez dias mais tarde, Göring lança um decreto no qual precisa que “a polícia deve evitar qualquer processo contra as ‘associações nacionais’, *SA*, *SS* e *Capacete de Aço*, mas deve, ao contrário, se necessário, ‘fazer uso de suas armas sem hesitação’” (Faye 2009: 149).

As reflexões de Barthes, de Faye e ainda de outros pensadores, de cujas ideias nos valeremos adiante, atestam os terríveis vínculos entre os poderes e os perigos da palavra nos regimes fascistas. Em contextos de exceção, seus líderes falam às massas para mais bem calar o povo e usam a linguagem humana para estimular a violência e para calar a linguagem humana, ou seja, para minar sua abertura ao diálogo e à compreensão das diferentes formas de vida. Não poucos traços dessa linguagem, que concorreu mais decisivamente do que costumamos supor para o acontecimento de abomináveis catástrofes, voltam a nos rodear e a nos frequentar em vários países nas primeiras

décadas do século XXI. Em alguns deles, isso ocorre a despeito da existência de condições formais da democracia representativa. É por essa razão que o objetivo mais fundamental deste capítulo consiste em contribuir para os avanços na compreensão de algumas das principais propriedades da linguagem fascista, tal como ela se atualiza no Brasil contemporâneo.

Nossa pretensão é a de realizar, inicialmente, uma breve exposição histórica de certas semelhanças e diferenças entre o populismo e o fascismo, com base nas ideias de Federico Finchelstein, em sua obra *Do fascismo ao populismo na história*, para, em seguida, apresentar algumas reflexões sobre a linguagem fascista, a partir de Victor Klemperer, em *A linguagem do Terceiro Reich*, e de Jean-Pierre Faye, em *Introdução às linguagens totalitárias*, e, finalmente, reproduzir e analisar alguns pronunciamentos e declarações de Jair Bolsonaro. Amparados em postulados da Análise do discurso e ainda em certos princípios da Retórica, problematizaremos um aspecto da distinção proposta por Finchelstein entre o populismo e o fascismo e sustentaremos a ideia de que vários discursos de Bolsonaro, produzidos ao longo de mais de três décadas de sua vida pública, materializam traços de uma linguagem neofascista, tais como o discurso de ódio e o de incitação à violência.

1. Fascismo, populismo: história, diferenças e conjunções

Nas primeiras décadas do século XXI, assistimos a uma ascensão da extrema-direita em vários lugares do mundo (Finchelstein 2019; Traverso 2019). Dadas algumas semelhanças entre esse fenômeno e o surgimento e consolidação dos fascismos nas décadas de 1920 e 1930 na Europa, várias análises de cientistas políticos, filósofos e historiadores, dedicadas à presença da extrema-direita em nossos dias, dividiram-se, *grosso modo*, em dois blocos: o primeiro insiste em afirmar que líderes políticos como Donald Trump, Viktor Orbán, Recep Tayyip Erdoğan e Jair Bolsonaro são populistas de extrema-direita; já o segundo, tendo em vista as medidas radicais tomadas por esses líderes, considera-os neofascistas.

Sem dúvida, a história não se repete. Subscrever essa ideia não corresponde ao encerramento de um debate nem à impossibilidade de lhe produzir uma inflexão. O debate permanece aberto, está efervescente no Brasil de nossos dias e envolve não apenas antagonismos frontais e manifestos, mas também posições ao mesmo tempo relativamente divergentes e bastante próximas. Estas últimas parecem se distinguir pela disposição distinta da lógica concessiva nas avaliações sobre Bolsonaro e os bolsonaristas: “Ainda que haja ‘malignidade’ no bolsonarismo, não se trata de fascismo, porque o fascismo foi um fenômeno histórico preciso” *versus* “Ainda que não se trate da repetição de um fenômeno histórico preciso, o bolsonarismo consiste em um neofascismo brasileiro”².

2 No mês de fevereiro de 2020, a revista *Carta Capital* publicou dois textos nos quais se materializam estas duas posições distintas. Em “Não há ‘fascismo’ no Brasil, mas ‘malignidade’, diz sociólogo”, Antonio Cattani, professor da UFRGS, ressalta as especificidades do que ocorreu na Itália nas primeiras décadas do século XX, enquanto em “Os maus modos do neofascismo brasileiro”, Tales Ab’Saber, professor da UNIFESP, sustenta haver traços suficientes para chamarmos o que se reúne em torno do bolsonarismo de um neofascismo.

<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/nao-ha-fascismo-mas-malignidade-no-brasil-diz-sociologo/> e <https://www.cartacapital.com.br/opiniaos/os-maus-modos-do-neofascismo-brasileiro/>

Inscrevendo-se em uma espécie de posição intermediária, Federico Finchelstein sustenta que “Não estamos assistindo ao regresso do fascismo como este existiu antes. O passado nunca é o presente”, mas acrescenta o seguinte: “No entanto, as atuais manifestações de neofascismo e populismo têm importantes antecedentes históricos, e a passagem do fascismo para o populismo ao longo do tempo determinou o nosso presente” (2019: 13). Finchelstein concebe uma diferença e relações dinâmicas entre o fascismo e o populismo na passagem do primeiro ao segundo: “O populismo moderno nasceu do fascismo. Os primeiros regimes populistas modernos na América Latina do pós-guerra afastaram-se do fascismo, mas mantiveram importantes características antidemocráticas que não eram tão evidentes em movimentos pré-populistas e protopopulistas anteriores à Segunda Guerra Mundial” (2019: 15).

No polo da extrema-direita, a derrota do fascismo foi, ao mesmo tempo, sua continuação por outros meios. Além do que afirma Finchelstein nessa direção, há algo análogo na proposta de Traverso (2019): a emergência de um pós-fascismo, fenômeno híbrido, que não é uma pura reprodução do antigo fascismo histórico nem algo completamente diferente dele. Nessa proposta de interpretação das relações entre o fascismo e o populismo, já vislumbramos o que Finchelstein considera ser uma sua semelhança e uma sua diferença fundamental. Ambos não transigem a participação livre e ativa das oposições políticas, mas fazem-no sem o emprego da violência no populismo e com o uso de acossamentos, de agressões e mesmo de extermínios no fascismo.

Para o populismo, a vontade singular da maioria não pode aceitar outros pontos de vista. Nesse aspecto, o populismo assemelha-se ao fascismo como uma reação a explicações liberais e socialistas do político. E assim como o fascismo, o populismo não reconhece um espaço político legítimo para uma oposição que o acusa de agir contra os desejos do povo e de ser tirânico, conspirativo e antidemocrático. Mas essa recusa em reconhecer a legitimidade da oposição normalmente não excede a lógica da demonização discursiva. Os opositores são transformados em inimigos públicos, mas, apenas retoricamente (Finchelstein 2019: 27).

Em que pesem a pertinência, a propriedade e a relevância da proposta de distinção entre o fascismo e o populismo elaborada por Finchelstein, cremos ser possível e mesmo bastante produtivo acrescentar-lhe certos aportes dos estudos linguísticos e de obras dedicadas particularmente ao exame da linguagem fascista, com vistas a mais bem compreender algumas características fundamentais de discursos de Jair Bolsonaro. Aliás, o atual presidente do Brasil é concebido pelo próprio Finchelstein como um populista e um “fascista *wannabe*”, uma vez que consiste no líder político populista que mais se aproxima do fascismo na história. Isso porque Bolsonaro reativa em seu populismo características fascistas indelévelis: a violência anunciada como fator de regeneração social, a segregação de grupos fragilizados, a mobilização exponencial das mentiras e o flerte com a ditadura.

2. Das falas odiosas aos atos violentos: marcas da linguagem neofascista

Antes mesmo de chegarmos aos atos performativos de fala concebidos por John Austin, nos quais “dizer é fazer”, a Retórica antiga já indicava fortes laços e implicações fundamentais entre as coisas ditas, os modos de dizer, as crenças no que se diz e as ações e comportamentos que elas ensejam.

No *De l'oratore*, de Cícero, Livro II, cap. XXVI (114), assim se enuncia o triplo objetivo do orador:

Depois que me instruo sobre a causa e que reconheço o gênero particular da questão, quando passo a pensar em como tratá-la, começo por determinar o mais precisamente possível o ponto em que devo situar cada parte do discurso que concerne propriamente cada uma das questões e cada aspecto do debate. Em seguida, estudo duas coisas com a maior atenção: como inclinar os jurados a meu favor e a favor de meu cliente, e como emocionar suas almas para conduzi-los ao meu propósito. Assim, as regras da arte oratória se apoiam nessas três competências para obter a persuasão: provar a verdade do que se afirma, conquistar a benevolência dos ouvintes e lhes despertar todas as emoções que são úteis à nossa causa (2002: 52-53).

Docere, delectare et movere: esse não é apenas um esquema argumentativo, mas também é uma das ordens mais canônicas das funções das partes do discurso. Entre os antigos retores, consagraram-se três formas distintas de dispor os argumentos: dos mais fortes aos mais fracos ou, ao inverso, dos mais fracos aos mais fortes ou ainda a chamada ordem homérica ou nestoriana, “segundo a qual cumpre começar e terminar com os argumentos mais fortes” (Perelman e Olbrechts-Tyteca 2005: 564). Há, porém, outras possibilidades de dispor os elementos dos três tipos de provas aventados por Aristóteles, de acordo com o Livro I, capítulo II (1356a), quais sejam, o *logos*, o *ethos* e o *pathos* (2005: 96), seguindo, respectivamente, suas propriedades de prova, de conciliação e de paixões. O próprio Cícero assim, inicialmente, os dispõe: agradecer, instruir e emocionar. Contudo, mais adiante, ao tratar dessa disposição mais detalhadamente, altera essa ordem e a arranja nesta sequência: provar, conciliar e comover. Nesse sentido, conserva-se no retor latino a prevalência concedida por Aristóteles ao *logos*, à prova, que se estabelece com o raciocínio lógico, preferencialmente dedutivo, tal como no entimema, diante da conciliação a ser alcançada, principalmente, pelo *ethos*, e da comção, que se constitui, sobretudo, com a mobilização do *pathos*.

Cícero trata, portanto, primeiramente, do *probare* lógico, para, em seguida, comentar o *conci-liare* ético, e, finalmente, discorrer sobre o *mouere* patético. Ao considerar este último, a abordagem ciceroniana entende que a carga patética, em particular, não se limita somente a despertar as devidas paixões nos ouvintes, mas compreende ainda sua força para conservar ou alterar seus comportamentos e para conduzi-los a realizar determinadas ações. À eloquência que demonstra razoavelmente um argumento e à que constrói a imagem da retidão de caráter, dos bons costumes e da virtude do orador, é preciso articular aquela cujas “competências tocam e arrastam os corações”. De acordo com o Livro II, cap. XLIV (185), os ouvintes amam ou odeiam as causas e os acusados, inclinam-se à sua salvação ou à sua condenação, são acometidos pelo medo ou pela esperança, pela tristeza ou pela alegria, pela simpatia ou pela aversão: “em resumo, por todos os movimentos suscitados por essas diversas paixões da alma humana” (Cícero 2002: 81). A escuta da fala pública compreende ouvintes que ouvem, raciocinam, se emocionam e são conduzidos a moverem-se numa ou noutra direção, a agir de uma ou de outra forma. Entre a fala de uns, a escuta de outros e as decisões e ações de uma maioria, há relações fundamentais.

Podemos entender o *movere* dos retores e oradores antigos como o que *move*, porque é um dito *comovido*, dirigido a uma escuta *comovente*. A fala é capaz de suscitar ou reforçar ideias, crenças e valores, que, por sua vez, são forças motrizes das ações humanas. Das coisas ditas podem, então, surgir desde os feitos mais amáveis até os atos mais atrozes. As associações entre as palavras de ódio e as ações

violentas foram bastante bem indicadas em duas obras dedicadas à linguagem fascista: *A linguagem do Terceiro Reich*, de Victor Klemperer, e *Introdução às linguagens totalitárias*, de Jean-Pierre Faye.

Além de apontar as principais características da linguagem do Terceiro Reich (*LTI*: linguagem do Terceiro Império) e os mais fundamentais traços oratórios de Hitler e de outros líderes nazistas, Klemperer afirma que “O nazismo se embrenhou na carne e no sangue das massas por meio de palavras, expressões e frases impostas pela repetição, milhares de vezes, e aceitas inconsciente e mecanicamente” (2009: 55). Os usos da *LTI* faziam “do indivíduo peça de um rebanho conduzido com determinada direção, sem vontade e sem ideias próprias, tornando-o um átomo de uma enorme pedra rolante” (2009: 66). Com base na eleição de um inimigo comum, a linguagem fascista incita o ódio que lhe é dirigido e dá comandos de sua perseguição e de seu extermínio. Para ser bem-sucedida, a *LTI* aprecia o imediatismo das ações e menospreza o pensamento crítico. Assim, as ordens são mais bem e mais rapidamente executadas: “um Führer, um comandante, necessita de comandados em cuja obediência possa confiar incondicionalmente. Para executar uma ordem cegamente, não devo pensar sobre ela. O ato de pensar pode ensejar uma demora, um escrúpulo ou até mesmo estimular o senso crítico, levando à recusa à obediência” (Klemperer 2009: 241-242).

Para produzir ações e efeitos, a linguagem fascista nem sequer precisa dizer a verdade. Conforme sabemos, os Estados totalitários detinham um monopólio discursivo. O aparelho de propaganda nazista e fascista compreendia um vasto arsenal para difundir tanto uma espécie de núcleo de suas doutrinas quanto especificidades com as quais buscavam seduzir classes, frações de classe, grupos e categorias sociais específicas. Além de panfletos, jornais e revistas, e dos pronunciamentos de seus líderes e porta-vozes, os regimes totalitários contavam ainda com a novidade e a enorme força dos novos *media* de então: o rádio e o cinema. Os efeitos de real que tudo isso combinado podia construir são quase inimagináveis para nós e para nossos dias. Com esse arsenal propagandístico, fascistas e nazistas difundiam suas mensagens, segmentando-as de acordo com conjuntos de crenças e valores das diversas classes e grupos sociais. Isso tudo circulava num contexto de crise econômica e amplo desemprego.

A linguagem fascista fala para justificar e fomentar o aniquilamento do adversário, transformando em inimigo. Com efeito, os perigos do fascismo estão além da linguagem. Agressões e extermínios ultrapassam as ações linguísticas. Mas as versões fascistas da história promovem um aumento progressivo no consentimento e na difusão de discursos de ódio e de atos violentos, tanto pelo que contam quanto pelas maneiras de contar suas narrativas. As ideologias políticas fascistas colocam em sua origem uma narração, em nome da qual seus adeptos se insurgem contra verdades factuais: “é uma narração que não é verdadeira, mas se faz terrivelmente ativa” (Faye 2009: 18). Noutros termos, não se deve subestimar o poder destrutivo da palavra: ele pode aumentar a aceitação de discursos inaceitáveis e concorrer para forjar as mais bárbaras e terríveis ações humanas. Na valiosa interpretação histórica que Finchelstein faz das relações entre o fascismo e o populismo, a devida consideração desse poder ativo da linguagem lhe faz falta e produz um ponto cego no exame da passagem da agressiva retórica populista para as violentas ações fascistas.

Em suma, há diferentes formas de se conceber e de afirmar as relações entre as coisas ditas, os modos de dizer, seus efeitos e as ações que mais ou menos direta ou indiretamente eles projetam e concorrem para executar. Desde o *movere* dos retores e oradores antigos, passando pelo ato performativo da Filosofia analítica e pela *LTI*, com o comando dos líderes nazistas e o cumprimento quase sempre imediato de suas ordens, sob a forma das mais horrendas ações humanas, até a produção da

ação pelo relato e anuência crescente de falas e feitos inaceitáveis, percorremos um variado caminho pelo qual assistimos a distintas afirmações dos laços entre a linguagem, os comportamentos e os atos humanos. A consideração de tais laços é decisiva para a análise e para a compreensão do nocivo poder da linguagem com traços fascistas.

3. A retórica de Bolsonaro: uma linguagem neofascista brasileira

O medíocre desempenho de Bolsonaro como deputado federal ao longo de quase três décadas contrasta com toda a visibilidade que ele conseguiu adquirir, sobretudo em seus dois últimos mandatos, tanto com suas defesas dos militares e da ditadura de 1964, de posições cada vez mais extremistas na área de segurança pública e de pautas pró moral e bons costumes, quanto com seus ataques a programas sociais e políticas afirmativas, a ideologias igualitárias e aos direitos humanos. Se as coisas ditas nessas defesas e nesses ataques foram necessárias para a projeção alcançada por Bolsonaro, elas não seriam suficientes para alçá-lo além de sua irrelevante atuação no Congresso. Para tanto, foram fundamentais suas maneiras de dizer, a ampla difusão midiática do que disse, a falta de devidas punições às suas quebras de decoro, o reforço de um relativo consenso conservador e a constituição de uma espiral de silêncio nos setores progressistas.

Bolsonaro deixa a condição de político insignificante e se torna porta-voz do pensamento reacionário no Brasil graças ao substrato autoritário nas ações e no imaginário brasileiro, à nossa história de atraso na redução de injustiças e desigualdades sociais e à sua conformidade com a lógica do espetáculo que vigora em nossa mídia. As declarações ofensivas e os pronunciamentos agressivos ganharam cada vez mais repercussão e popularidade, porque se encaixam em consensos compartilhados por boa parte da população, para cuja formação a grande mídia diversionista contribui decisivamente, e porque causam controvérsias e dão grande audiência aos veículos que lhes abrem espaço. Depois de uma atuação relativamente discreta em sua estreia no cenário político em Brasília, já no segundo mandato como deputado, Bolsonaro ficou mais à vontade para fazer suas declarações agressivas, com as quais conseguia mais espaço na mídia e revelava seu desprezo pela democracia e pelos direitos humanos. Quando do massacre do Carandiru, em 02 de outubro de 1992, em que 111 detentos foram mortos pela Polícia Militar, “Bolsonaro vociferou: ‘Morreram poucos. A PM tinha que ter matado mil!’” (Saint-Clair 2018: 70). No ano seguinte, ele ainda diria publicamente, fora e dentro da própria Câmara, que era favorável ao fechamento do Congresso. A atitude abertamente antidemocrática não lhe rendeu mais do que uma mera advertência.

Antes de alcançar a celebridade política, Bolsonaro já empregava uma linguagem eivada de traços fascistas. Contando com os efeitos positivos que causaria ao menos junto a um considerável contingente que girava em torno de 15% da população brasileira³, quando já estava em seu terceiro

3 Em pesquisas realizadas pelo *DataFolha* nos anos de 2006 e 2010, os dados indicam que 16% dos entrevistados na primeira e 14% na segunda identificam-se como alguém que se posiciona na extrema-direita do espectro político. <http://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2010/05/1223488-brasileiros-se-colocam-mais-a-direita.shtml>.

mandato, o então deputado federal pelo Partido Progressista Brasileiro aproveitava-se de qualquer oportunidade em que pudesse alastrar seus radicalismos e construir a imagem de um homem autêntico, que falaria o que pensa e que o faria sem papas na língua, de maneira crua e vulgar. É o que ocorreu na entrevista que Bolsonaro concedeu ao programa 'Câmara Aberta', da *TV Bandeirantes*, no dia 23 de maio de 1999. Eis abaixo somente três pequenos trechos dessa entrevista: Antes de alcançar a celebridade política, Bolsonaro já empregava uma linguagem eivada de traços fascistas. É o que ocorreu na conhecida entrevista que Bolsonaro concedeu ao programa "Câmara Aberta" da *TV Bandeirantes*, no dia 23 de maio de 1999. Nela, o então deputado disse o seguinte: "sou favorável no caso do Chico Lopes que tivesse pau de arara lá. Ele merecia isso, pau de arara. Funciona. Eu sou favorável à tortura, tu sabe disso"; "Só vai mudar no dia em que nós partirmos para uma guerra civil aqui dentro. E fazendo o trabalho que o regime militar não fez, matando uns 30 mil."; "Se vai morrer alguns inocentes, tudo bem. Em tudo e quanto é guerra, morre inocente."⁴

No plano de seu conteúdo, tudo é bastante explícito. Bolsonaro é partidário e mesmo entusiasta da violência física e da morte de adversários, ao mesmo tempo em que nutre um enorme desprezo pela vida humana. Desrespeita e afronta as instituições do regime democrático e mostra-se aficionado pela ditadura militar. Além disso, sua fala produz o efeito de incitação a uma guerra civil e apresenta a condenação à morte de 30 mil pessoas como condição necessária para uma mudança no país. Finalmente, destaca-se em mais de uma passagem a construção de sua qualidade de intérprete privilegiado e porta-voz do povo: "E o povo é favorável a isso também"; "pelo menos 90% da população ia fazer festa e bater palma". Ocupando essa posição de representante do povo, Bolsonaro busca instaurar um sentimento de identidade e de pertença a um grupo, com base na reprodução de clichês que circulam no senso-comum: "O povo é favorável à tortura, porque bandido deve ser punido pra tomar vergonha na cara"; "O povo é favorável ao fechamento do Congresso, porque sabe que político é tudo corrupto".

Os efeitos de pertença ao grupo e de sua consolidação tornam-se bem mais presentes à medida que o plano do conteúdo é estendido e reforçado pelo da expressão. Em várias passagens do vídeo, podemos observar que a direção do olhar de Bolsonaro, que oscila fluentemente entre o entrevistador e a objetiva da câmera, como se se dirigisse não apenas ao interlocutor direto, mas também ao telespectador, o balanço relativamente constante de sua cabeça e a aparente naturalidade dos gestos de seus braços e de suas mãos dão a impressão de que o deputado está numa conversa cotidiana, que lhe permite falar francamente de temas dos quais fugiria a maioria de seus colegas congressistas. Já seus meios de expressão verbal são fundamentais para a constituição do que se apresenta como uma fala espontânea, sincera e autêntica. Para produzir esses efeitos, Bolsonaro emprega uma linguagem simples, clara, direta e figurada. Uma ocorrência típica dessa linguagem é a seguinte: "E tenho certeza que pelo menos 90% da população ia fazer festa e bater palma". Isso porque, no lugar dessa formulação, o deputado poderia ter dito, entre outras tantas possibilidades: "E estou certo de que pelo menos 90% da população apoiaria a medida com entusiasmo". Certos elementos prosódicos de sua fala contribuem para tornar seu modo de dizer ainda mais autêntico e verdadeiro. A efetiva

4 Essa entrevista de Bolsonaro pode ser vista na íntegra em : <https://www.youtube.com/watch?v=qIDyw-9QKlVw&t=118s>. Essa e outras falas de Bolsonaro foram analisadas em Piovezani e Gentile (2020).

pronúncia dessa mesma frase dita por Bolsonaro se aproxima desta transcrição: “I tenho certeza qui pelo menus 90% da população ia fazê festa i batê palma”. Em sua fala, há tanto certa distensão e espontaneidade, como se Bolsonaro experimentasse a tranquilidade de quem sabe que diz a verdade, quanto tensão e virulência, como se sentisse a revolta de quem sabe que a política é um antro de maldades. A despeito de sua pertença ao campo há décadas, Bolsonaro não se identifica com ele, o denuncia e prega a morte de boa parte de seus integrantes, sobretudo, de seus oponentes políticos.

Dezessete anos mais tarde, o deputado federal Eduardo Cunha, então presidente da Câmara, aceitava dar encaminhamento à denúncia de crime de responsabilidade contra a presidenta Dilma Rousseff. O relatório da comissão especial que avaliou a denúncia foi favorável ao seguimento do trâmite do processo de impeachment. No dia 17 de abril de 2016, o plenário do Congresso votava favorável ou contrariamente à posição do relatório, ou seja, ao afastamento ou à manutenção de Dilma na presidência da República. A sequência dos votos foi, ao mesmo tempo, tediosa, repugnante e comicamente trágica, e compreendeu votos em nome de Deus e da família, em nome dos eleitores do Estado do parlamentar e do futuro dos filhos. Havia certa expectativa de que Bolsonaro suspendesse o tédio com seu voto. Infelizmente, ele não a decepcionou.

Conjuntamente com o que havia de anedótico e detestável naquela sequência de votos, a abjeta intervenção de Bolsonaro tornou-se uma espécie de emblema do golpe jurídico e parlamentar sofrido por Dilma. Mais do que quebrar aquele encadeamento modorrento, ele provocaria choque e indignação entre os democratas e identificação e entusiasmo entre os partidários da extrema-direita violenta. É verdade que, outrora, ainda praticamente anônimo no cenário nacional, quando o Brasil dava sinais de começar a consolidar sua democracia, ele falava abertamente que gostaria de fechar o Congresso e de participar de uma guerra civil que mataria “30 mil”, mesmo que morressem inocentes, conforme acabamos de ver. Mas agora, em um contexto de contestação de instituições democráticas e com uma inédita relevância política, seu voto era esperado com certa ansiedade, estava investido de importância e nos estarreceria:

Nesse dia de glória para o povo brasileiro, tem um nome que entrará para a história nessa data pela forma como conduziu os trabalhos nessa Casa. Parabéns, presidente Eduardo Cunha! Perderam em 1964. Perderam agora em 2016. Pela família e pela inocência das crianças em sala de aula, que o PT nunca teve. Contra o comunismo. Pela nossa liberdade. Contra o Foro de São Paulo. Pela memória do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff. Pelo Exército de Caxias, pelas nossas Forças Armadas. Por um Brasil acima de tudo e por Deus acima de todos, o meu voto é sim!

O voto de cada deputado poderia se limitar a dizer “sim” ou “não”. Bolsonaro usou 103 palavras em sua intervenção. Em um misto de cinismo e bajulação, ele começa sua fala com um sorriso estampado no rosto e com um gesto que aponta para a mesa da presidência da Câmara, onde está Eduardo Cunha. O abalo na democracia é chamado de glória e as elites conservadoras e seus adeptos das classes médias e populares de “o povo brasileiro”. Bolsonaro reiteradamente confere o que vai dizer em uma anotação que está em sua mão esquerda. Não é, pois, um voto espontâneo. Cada uma de suas frases é pronunciada com uma cadência relativamente lenta, e elas são sucedidas de pausas mais ou menos longas que lhes dão ainda mais destaque. Ao cinismo, à bajulação e à encenação se somam o revanchismo e as alucinações políticas. Tudo se passa como se a família e a inocência das

crianças tivessem sido ameaçadas pelo PT, como se houvesse algum comunismo no Brasil e algum risco à liberdade, e como se existisse o famigerado Foro de São Paulo.

A tudo isso se junta um puro exemplar do sadismo, sob a forma de uma conexão histórica entre o passado, o presente e o futuro: a vitória do horror em 1964, a que começava a se consumir naquele 17 de abril de 2016 e a que poderia vir na esteira dessas duas. O sadismo de Bolsonaro é ainda mais estarrecedor, porque ele concentra o terrível contraste entre o sorriso com que inicia seu voto e a alegria revanchista com que fala dessas vitórias, de um lado, e as dilacerantes dores físicas e os irreversíveis traumas psíquicos sofridos por quem passou por sessões de tortura, de outro. Ao dedicar seu voto à memória de Brilhante Ustra, um dos maiores torturados da ditadura brasileira entre 1964 e 1985, Bolsonaro pronuncia seu nome quase aos gritos e sílaba por sílaba, como se a altura excessiva e a extensão duradoura de sua pronúncia revivessem, aumentassem e distendessem o prazer de quem faz sofrer e a dor e a angústia de quem sofre. Como se a dose de crueldade já não houvesse extrapolado limites democráticos e humanitários, Bolsonaro ainda lhe expande e precisa com um aposto que sucede o nome do torturador: “o pavor de Dilma Rousseff”.

As penas leves, as absolvições e a projeção midiática permitiram que o deputado do PSC pudesse cometer essa atrocidade verbal e institucional em pleno Congresso Nacional. Como nos ensinou a interface entre a psicanálise e a história, de modo análogo ao que ocorre com os indivíduos, a experiência de traumas históricos e sociais, quando recalcada e não elaborada, produz o retorno de suas causas e sintomas. A opressão e os massacres perpetrados manifestamente contra negros e indígenas durante quatro séculos não foram elaborados com reparação histórica e se perpetuam até nossos dias por meios mais ou menos velados, mas sem dúvida muito conhecidos. Em outra escala, a ditadura, em plena segunda metade do século XX, perseguiu, torturou e matou adversários reais e imaginários, sem mais tarde sofrer sanções por tudo isso. A repetição histórica das impunidades e sua reiteração pessoal na trajetória de Bolsonaro lhe deram respaldo para proferir seu voto naqueles deploráveis e abjetos termos, fazendo “reviver a própria tortura, num exercício de sadismo de que pouca gente é capaz” (Barros e Silva 2020: 29).

Já nas eleições presidenciais de 2018, mais precisamente a sete dias do segundo turno daquele pleito, Bolsonaro fez um discurso dirigido a apoiadores reunidos na Avenida Paulista em São Paulo em uma modalidade possivelmente inédita. Sua voz chega até seus partidários via telefone e sua imagem é reproduzida em um telão. A despeito da distância, candidato e eleitores estão em alta sintonia, interagem e estimulam-se mutuamente. Além dessa difusão, o pronunciamento estava já destinado a circular por outros meios, porque foi gravado em vídeo. Apesar do atentado que sofrera recentemente, “Bolsonaro aparece em cena bastante disposto e corado, sorridente na maior parte do tempo. No quintal dos fundos de casa, veste uma camiseta verde e tem atrás de si, como cenário, algumas peças de roupa e lençóis brancos pendurados no varal. Tudo é muito descontraído, casual, calculadamente mambembe.” Bolsonaro parecia ler o que falava pausadamente e interagiu com a excitação da massa de ouvintes: “Foi um discurso atroz” (Barros e Silva 2020: 29). Eis aqui algumas passagens dessa sua fala:

Nós somos a maioria. Nós somos o Brasil de verdade. Junto com esse povo brasileiro, construiremos uma nova nação. Não tem preço as imagens que vejo agora da Paulista e de todo o meu querido Brasil. Perderam ontem, perderam em 2016 e vão perder a semana que vem de novo. Só que a faxina agora será muito mais ampla. Essa turma, se quiser ficar aqui, vai ter que se

colocar sob a lei de todos nós. Ou vão pra fora ou vão para a cadeia. Esses marginais vermelhos serão banidos de nossa pátria.

Essa pátria é nossa. Não é dessa gangue que tem uma bandeira vermelha e tem a cabeça lavada. Aqui não terá mais lugar para a corrupção. E seu Lula da Silva, se você estava esperando o Haddad ser presidente para soltar o decreto de indulto, eu vou te dizer uma coisa: você vai apodrecer na cadeia. E brevemente você terá Lindbergh Farias para jogar dominó no xadrez. Aguarde, o Haddad vai chegar aí também. Mas não será para visitá-lo, não, será para ficar alguns anos ao teu lado.

Já que vocês se amam tanto, vocês vão apodrecer na cadeia, porque lugar de bandido que rouba o povo é atrás das grades.

Petralhada, vai tudo vocês para a ponta da praia. Vocês não terão mais vez em nossa pátria, porque eu vou cortar todas as mordomias de vocês. Vocês não terão mais ONGs para saciar a fome de mortadela de vocês. Será uma limpeza nunca vista na história do Brasil. Vagabundos. Vai ter que trabalhar. Vai deixar de fazer demagogia junto ao povo brasileiro.

Vocês verão as instituições sendo reconhecidas. Vocês verão umas Forças Armadas altivas, que estará [sic] colaborando com o futuro do Brasil. Vocês, petralhada, verão uma Polícia Civil e Militar com retaguarda jurídica para fazer valer a lei no lombo de vocês.

Bandidos do MST, bandidos do MTST, as ações de vocês serão tipificadas como terrorismo. Vocês não levarão mais o terror ao campo ou às cidades. Ou vocês se enquadram e se submetem às leis ou vão fazer companhia ao cachaceiro lá em Curitiba.

Amigos de todo Brasil, esse momento não tem preço. Juntos, eu disse juntos, nós faremos um Brasil diferente.

Meu muito obrigado a todos do Brasil que confiaram seu voto em mim por ocasião do primeiro turno. Ainda não ganhamos as eleições. Mas esse grito em nossa garganta será posto pra fora no próximo dia 28.

Nós ganharemos essa guerra. Vamos juntos trabalhar pra que, no próximo domingo, aquele grito que está em nossa garganta, que simboliza tudo o que nós somos, seja posto pra fora: Brasil acima de tudo, e Deus acima de todos! Valeu! Um abraço, meu Brasil!⁵

Uma narrativa alicerça essa e praticamente todas as falas de Bolsonaro e dos bolsonaristas: em uma origem idílica, tudo eram flores em nosso reino, até que, com o correr dos tempos, os inimigos ali se infiltraram e produziram uma decadência ética, um declínio moral e uma degeneração sexual. A pureza que conhecíamos fora maculada e precisa de ser reintegrada por meio de uma ‘limpeza’ que nos livre dessa nódoa perigosa e crescente. Há aí uma polarização simplista entre os amigos da pureza (“nós”, “nossa pátria”, “Amigos”) e os inimigos que espalham a sujeira (“marginais vermelhos”, “gangue que tem a bandeira vermelha”, “Vagabundos”, “bandidos”, “petralhada”). Essa polarização impõe uma ‘guerra’, em que é preciso eliminar os oponentes: “esses marginais vermelhos serão banidos de nossa pátria”.

5 A íntegra do discurso de Bolsonaro pode ser assistida em: <https://www.youtube.com/watch?v=7vxX3nQccTU>.

Para que não haja dúvida, Bolsonaro diz quem são esses inimigos, o que os caracteriza e o que eles fazem. Seu pronunciamento pode ser resumido a uma perseguição obsessiva dos adversários, porque ele se dedica muito mais a apontá-los, a detratá-los e a ameaçá-los do que a agradecer a seus apoiadores e a lhes pedir que continuem em campanha até o final das eleições. Não há uma única proposta de política pública. Mas abundam as variações da violência e do banimento que recairão sobre os adversários: “a faxina”; “vão pra fora ou vão para a cadeia”; “serão banidos”; “apodrecer na cadeia”; “vai tudo vocês para a ponta da praia”; “uma limpeza nunca vista na história do Brasil”, “a lei no lombo de vocês”.

Não há dúvidas de que em tudo o que é dito transpira ódio e exala fascismo. “A ‘ponta da praia’, talvez nem todos saibam, era o nome dado pela ditadura a um local de desova de cadáveres no Rio de Janeiro. Bolsonaro fala como torturador, não como candidato à Presidência” (Barros e Silva 2020: 29). Isso não significa que a intervenção não compreenda variações. Em seu início e em seu final, há espaço para o reforço da identificação de grupo, para a consolidação de um efeito de pertença à “maioria”, ao “Brasil de verdade”, e ainda para certo entusiasmo, mesmo que também ele contaminado por intensa animosidade. Mas a carga patética raivosa mais ou menos bem distribuída por todo o corpo central do discurso concentra-se no ponto a partir do qual ocorre a simulação de uma mudança de interlocutor.

De seu exórdio até certa passagem de seu pronunciamento, Bolsonaro dirigia-se diretamente aos seus partidários quando, então, simula passar a falar com o principal líder dos inimigos: Lula. A mudança acontece neste trecho: “E seu Lula da Silva, se você estava esperando o Haddad ser presidente para soltar o decreto de indulto, eu vou te dizer uma coisa: você vai apodrecer na cadeia”. É justamente em meio a essa modificação de interlocutor que o candidato do PSL mais projeta um discurso de ódio, tanto no que diz quanto nas maneiras de dizer, porque é sempre vociferando que ele faz ameaças de violência física e até de extermínio de adversários políticos.

Além disso, a impressão de fazer de Lula, Lindbergh Farias, Haddad, Petralhada, Bandidos do MST e do MTST seus interlocutores diretos produz um efeito de coragem. Bolsonaro investe-se de bravura e simula falar de modo franco e autêntico, aguerrido e sem rodeios aos seus piores e mais poderosos adversários. O candidato do PSL aparenta ser alguém que não tem medo de dizer o que pensa negativamente sobre alguém e supostamente o faz de modo direto para a pessoa concernida e com toda franqueza e valentia de um soldado, que encara e enfrenta o inimigo em uma guerra, sem temer os riscos que corre. Em razão de um sólido amálgama entre posição política e postura estética, a agressividade de Bolsonaro promove a adesão de boa parte do eleitorado e catalisa os discursos de ódio e de completo desrespeito pelos mais básicos direitos humanos. Entre outras declarações de seus eleitores que vão nesta mesma direção, eis estes dois emblemas do ódio condensado: “Jair Bolsonaro vai descer a borracha nesses vagabundos aí (eleitor de Minas Gerais, classe B, 28 anos)” e “Pra ele, se tem que matar, mata. Por isso, o povo está atrás dele (eleitor de Pernambuco, classe D, 39 anos)” (Moura e Corbellini 2019: 77).

Considerações finais

A agressividade de Bolsonaro, ao indicar os inimigos políticos e ao falar de aumento da corrupção e da violência, e a intransigência com que trataria dos problemas da administração e da segurança

pública geram crença e adesão de boa parte do eleitorado e fomenta a reprodução de discursos da violência entre seus próprios eleitores. Diante da crescente sensação de que estaríamos no ápice de uma crise generalizada concomitante com o que era apresentado como a existência de uma selva-géria urbana, os partidários de Bolsonaro não aderiam a um projeto bem definido para essa área nem a uma experiência comprovada para conceber e propor soluções a seus problemas. Em seus pronunciamentos, o candidato do PSL não expunha nem sequer um razoável plano de política pública aos eleitores.

Ao longo de sua breve carreira militar e de sua longa trajetória política, Bolsonaro já falou para se descomprometer, para detratar e tentar eliminar adversários tornados inimigos e criminosos, para incitar a violência ao outro, para calá-lo simbólica e fisicamente. Conforme postulados da Retórica, da Pragmática e da Análise do discurso, a linguagem se produz sob a forma de atos e de acontecimentos na sociedade na história, que, por sua vez, suscitam outras ações e eventos no mundo. As falas de Bolsonaro e de bolsonaristas fomentam direta e indiretamente a violência. Desde sua ascensão do baixo clero político, as já muito agressivas, mas ainda, digamos, institucionais, falas de Bolsonaro promoveram um grande aumento da violência verbal entre apoiadores. Nesse sentido, houve uma chocante ampliação do número de *sites* neonazistas durante seu atual governo de extrema direita.⁶ Além dessa expansão da violência verbal, assistimos atônitos e indignados ao crescimento de atos de violência propriamente ditos (Piovezani e Gentile 2020): repórteres e profissionais da saúde foram agredidos, policiais foram filmados atacando e torturando jovens negros e pobres. Ante esse recrudescimento dos abusos e da brutalidade, o Ministério da Família, da Mulher e dos Direitos Humanos do governo Bolsonaro excluiu os casos de violência policial do relatório anual sobre violações de direitos humanos.

Um enorme passo civilizatório foi dado quando os seres humanos passaram a enfrentar boa parte de seus desentendimentos pelo uso da palavra, em detrimento dos confrontos físicos. A emergência e a consolidação da linguagem fascista já desvirtuaram e voltam a ameaçar essa extraordinária conquista. Fascistas de ontem e neofascistas de nossos tempos não usam a linguagem para abrir diálogos e debates, mas para transformar críticos e adversários em inimigos a serem eliminados. Por isso, identificar, compreender e combater essa linguagem é tarefa necessária e mais do que urgente.

Referências

ARISTÓTELES. 2005. *Retórica*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda.

BARROS e SILVA, F. 2020. Dentro do pesadelo. O governo Bolsonaro e a calamidade brasileira. *Revista Piauí*, São Paulo, edição 164, pp. 26-31.

BARTHES, R. 2000. *Aula*. São Paulo: Cultrix.

6 “Sites neonazistas crescem no Brasil espelhados no discurso de Bolsonaro”. Jornal *El país*, 09 de junho de 2020. <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-06-10/sites-neonazistas-crescem-no-brasil-espelhados-no-discurso-de-bolsonaro-aponta-ong.html>.

- CICERO. 2002. *De l'orateur*. Paris: Les Belles Lettres.
- FAYE, J-P. 2009. *Introdução às linguagens totalitárias*. São Paulo: Perspectiva.
- FINCHELSTEIN, F. 2019. *Do fascismo ao populismo na história*. São Paulo: Almedina.
- GÓRGIAS. 2005. Elogio de Helena. In: *O efeito sofisticado* (p. 293-301). São Paulo: Editora 34.
- KLEMPERER, V. 2009. *LTI. A linguagem do Terceiro Reich*. Rio de Janeiro: Contraponto.
- MOURA, M. e CORBELLINI, J. 2019. *Eleição disruptiva: por que Bolsonaro venceu*. Rio de Janeiro: Record.
- PERELMAN, C e OLBRECHTS-TYTECA, L. 2005. *Tratado da argumentação*. São Paulo: Martins Fontes.
- PIOVEZANI, C. e GENTILE, E. 2020. *A linguagem fascista*. São Paulo: Editora.
- SAINT-CLAIR, C. 2018. *O homem que peitou o exército e desafia a democracia*. Rio de Janeiro: Máquina de Livros.
- TRAVERSO, E. 2019. *The New Faces of Fascism: populism and the Far Right*. New York: Verso.

CARLOS PIOVEZANI é professor associado do Departamento de Letras da UFSCar e pesquisador do CNPq. Coordenou o PPGL/UFSCar entre 2013 e 2016 e atualmente coordena o Laboratório de estudos do discurso (Labor/UFSCar) e o Grupo de estudos em Análise do discurso e História das ideias linguísticas (Vox/UFSCar). É autor de *A voz do povo: uma longa história de discriminações* (Vozes, 2020) e, em conjunto com Emilio Gentile, de *A linguagem fascista* (Hedra, 2020) e organizador, entre outros, de *Discurso e (pós)verdade* (Parábola, 2021), *História da fala pública* (Vozes, 2015), *Discurso social e retóricas da incompreensão* (EdUFSCar, 2015), *Presenças de Foucault na Análise do discurso* (EdUFSCar, 2014) e *Legados de Michel Pêcheux* (Contexto, 2011). Foi professor visitante na Universidade de Buenos Aires e professor convidado na Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais de Paris.

E-mail: cpiovezani@ufscar.br